

ANAIS DO
VIII SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES
UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo Prof. *Eurípedes Simões de Paula*

A PROPRIEDADE RURAL

VOLUME II

LXV

Coleção da *Revista de História*
Sob a direção do Professor
Eurípedes Simões de Paula



SÃO PAULO — BRASIL
1976

A VENDA DE UM ESCRAVO (*).

EMMANUEL FRANCO

da Universidade Federal de Sergipe.

Estamos no século XIX.

Era o dia 30 de agosto de 1875. Neste dia terminava a longa Escritura de venda de um escravo.

“No ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e setenta e quatro, aos cinco dias do mês de janeiro do dito ano, no Engenho denominado Areia Branca, termo da Villa de Divina Pastora, Comarca da cidade de Laranjeiras, Província de Sergipe de El-Rei, em casa residencial da viuva Dona Margarida Santana de Jesus, Manoel Cupertino de Oliveira, sendo o Tabelião interino e Thomaz Aquino Machado, Primeiro Tabelião de público judicial e notas, Escrivão Capitular e Residual e da Provedoria do Município da Villa de Divina Pastora, por sua Magestade Imperial e Constitucional o Senhor Dom Pedro Segundo a quem Deus Guarde na forma da lei. Certifica que por se acharem as partes havido uniformemente contratados, tendo como vendedor Albano do Prado Pimentel, morador no Engenho dos Brasinheiros, Município da Villa de Itabaiana e de outra, como comprador Firmino Muniz de Vasconcellos, morador no seu Engenho Mombaça do mesmo termo da Villa de Itabaiana, ambos conhecidos do Tabelião e das testemunhas abaixo firmadas, Francisco Muniz do Prado e Silva e José Ignacio Muniz Barreto.

Albano do Prado Pimentel disse ao Tabelião, em presença das testemunhas, que era legítimo Senhor e possuidor de mança e pacifica prole de um escravo de nome Tertuliano, preto, solteiro, com vinte anos de idade, roceiro, matriculado sob número nove

(*). — Comunicação apresentada na 3ª Sessão de Estudos, Equipe E, no dia 6 de setembro de 1975 (*Nota da Redação*).

centos e oitenta e cinco da matrícula geral e da relação apresentada e matriculado em primeiro de junho de mil oito centos e dous na Colletoria da Villa de Itabaiana o qual houve por herança de seu pai, e pela forma que o faz dá livre e desembaraçado desta missão e vende de hoje para sempre à Firmino Muniz de Vasconcellos, pela quantia que se convencionarão de um conto de réis, cuja quantia elle vende e tinha recebido d'elle comprador em moeda corrente porisso que della passaram recebido detalhado de quite, para que não mais lhe seja repetido. Pelo comprador foi dito em presença das testemunhas que aceitava a escritura pela forma declarada.

O comprador apresentou o talão de haver pago a meia Siza e mais direitos, na quantia de trinta e dous mil réis, sendo trinta mil réis da meia Siza e dous mil réis da tabela. O talão estava com o selo adesivo de mil réis. O pagamento foi efetuado ao Exator Manoel da Paixão Oliveira da Exatoria da Villa de Divina Pastora. José Joaquim Rodrigues Santos, Decano, assina a nota.

Em testemunho da verdade, Thomaz de Aquino Machado, data e assina sobre treis selos de 200 réis. Estes selos de cor verde tem a efige do Imperador, ainda de cabelos e barbas negros, as palavras "Império do Brasil" e "Selos" e a importância de "200 Reis" em tinta vermelha.

O dia 5 de janeiro é véspera da Festa de Reis. Naquele dia, 5 de janeiro de mil oito centos e setenta e quatro havia uma festa no Engenho Areia Branca. Estavam presentes os Senhores de Engenho da redondeza e de longe.

De longe vieram os Senhores de Engenho do Vale do Rio Sergipe, no Município de Itabaiana. Havia jovens e velhos casais, rapazes e moças, meninos e meninas. Estas festas eram ponto de encontro onde surgiam os casamentos. Entre os jovens casais estavam Firmino Muniz de Vasconcellos e sua esposa e Albano do Prado Pimentel e sua esposa. Festejava-se a data com corridas de cavalos, danças, comidas e bebidas e se aproveitava o encontro para fazer negócios. Comprar, vender e trocar. Compra e venda de gado e também compra e venda de escravo. E assim Tertuliano foi vendido e comprado.

Em 1874/75, a Cidade de Laranjeiras ainda estava no auge de sua grandeza, como centro econômico de uma Região e como centro intelectual do Estado de Sergipe de El Rei. Era sede de Comarca e esta se estendia até a Vila de Divina Pastora, onde se passa nossa

história. O Rio Sergipe separava o Município da Vila de Divina Pastora do Município da Vila de Itabaiana.

A área do Município da Vila de Itabaiana se estendia da Serra de Itabaiana e o Rio Jacarecica, a leste, até os limites das províncias de Sergipe e Bahia a oeste; limitando-se pelo Rio Sergipe ao norte e pelo Rio Vaza Barris ao Sul das Vilas circunvizinhas.

Estendendo-se até o Rio Sergipe, o Município da Vila de Itabaiana possuía Engenhos de Açúcar como os outros Municípios da Província de Sergipe de El Rei. O Engenho Mombaça está situado entre os Rios Sergipe e o seu afluente Jacarecica. Naquela época, as cheias desses dois Rios, pelo represamento do Jacarecica pelo Rio Sergipe eram demoradas e o impaludismo grassava na área.

O Engenho Brasinho, era um entre os inúmeros Engenhos de Açúcar do Município da Vila de Itabaiana e foi no Vale do Rio Sergipe, na área entre as Vilas de Divina Pastora e Itabaiana que se localizaram os Prado Pimentel.

Durante muitas gerações, até a geração atual, os Albano do Prado Pimentel se fizeram presentes na história econômica de Sergipe de El Rei.

Em 28 de setembro de 1871, o Visconde do Rio Branco, na presidência do Conselho de Ministros, conseguiu aprovação da “Lei do Ventre Livre” que declarava livres os filhos de escrava. Para controlar a escravatura e o número de escravos, foi encarregada cada Coletoria de fazer uma relação geral dos escravos existentes e de matricular cada escravo. Albano do Prado Pimentel matriculou o jovem escravo Tertuliano no dia primeiro de junho de 1872, sob o número 985. Isto indica que a população escrava matriculada na Coletoria da Vila de Itabaiana era grande no ano de 1872, ha pouco mais de um século.

A “Lei do Ventre Livre” não desestimulou a compra e venda de Escravos entre os Senhores de Engenho.

Em 5 de janeiro de 1874, Firmino Muniz de Vasconcellos meu avô materno, ao comprar o jovem escravo Tertuliano, não previa que quatorze anos, cinco meses e oito dias depois, seria declarada extinta a escravidão no Brasil. Ao passar a Escritura em 30 de agosto de 1875, da compra para sempre, do jovem escravo Tertuliano, não previam Firmino Muniz de Vasconcellos, as Testemunhas e o Escrivão, as mudanças sociais que iriam ocorrer daí a menos de treze anos.

Há justamente um século atrás, ocorria a compra e venda de um escravo e o comprador não percebeu as consequências da “Lei do

Cont.
Limpo de f. de f. 152 já 200: 3080
Burodo 2000
Sello de f. de f. 000
Ho 5080
Firmino Muniz de Vasconcellos

Ventre Livre”. Que modificações sociais não irão ocorrer antes do fim do século XX, que muitos não terão o discernimento de perceber?

Firmino Muniz de Vasconcellos, vendeu anos depois ao seu irmão, João Batista de Vasconcellos a sua parte no Engenho Mombaça e comprou em 1887, o Engenho Araçá, no Município de Riachuelo, onde foi morar.

No dia 13 de maio de 1888, a tardinha, os tambores africanos começaram a soar de longe e chegaram a soar nos Engenhos vizinhos. A notícia correu celere: A Princesa Isabel tinha declarado livres todos os escravos.

Os escravos abandonaram tudo que faziam e passaram a pular, a cantar e a sambar. Uma escrava, mãe de leite do único filho varão de Firmino, deixou no mesmo momento de amamentar o filho do Senhor e foi se juntar aos outros seis escravos de Firmino e passaram a cantar, a sambar, a tocar tambores e a perambular de engenho em engenho. A alegria tomou conta dos engenhos e de longe se ouvia o soar dos tambores. A noite, o fogo das fogueiras iluminava o céu.

Na noite daquele dia, a senhora dona, teve que cozinhar, lavar e cuidar da casa, uma operação esquecida há muitas gerações.

Os escravos se foram juntamente com Tertuliano e nunca mais regressaram. Apenas uma escrava, que tinha um filho pequenino e liberto, de nome Candinho, voltou e ficou morando com seus antigos senhores e com os filhos e netos dele até que a morte levasse Candinho já sexagenário. Eram pigmeus africanos.

A alegria da libertação dos escravos continuou por muito tempo. Era perambular, pular, cantar e sambar.

Com a libertação dos escravos, o mato começou a crescer nos canaviais. Os donos não tinham dinheiro para pagar para limpá-los.

Passada a alegria, os ex-escravos procuraram serviço e não encontraram. Ninguém tinha dinheiro para pagar. A riqueza era constituída de terra e escravos. Liberto os escravos, somente ficava a terra e ela sozinha de nada valia. Pouco tempo depois, no verão de 1890/91, veio uma fome terrível, denominada: “a fome do bolachão”. O Governo da República mandou farinha de trigo para fazer bolachões para distribuir entre os famintos. Muitos ex-escravos morreram.

Muitos senhores de Engenho, empobrecidos venderam suas terras e partiram. No município de Riachuelo, a nova Usina Central, de propriedade de Capitais Holandeses e que tinha iniciado a produção em 1887, adquiriu muitos engenhos. Iniciava-se a concentração de terras na zona canvieira e que continuaria pelo século seguinte.

Muitos Senhores de Engenho venderam suas terras e emigraram para São Paulo. Outros enlouqueceram. Entre os que partiram, estava Albano do Prado Pimentel, que vendeu tudo que possuía e emigrou para São Paulo, onde comprou terras, educou filhos e bem velho, octagenário, ali morreu.

Outros resistiram, se adaptaram e conseguiram morrer como proprietários daquela e de outras terras, transmitindo-as aos seus sucessores. Firmino Muniz de Vasconcellos, o comprador do escravo Tertuliano foi um destes.

* *
*

INTERVENÇÕES.

Da Prof.^a *Kátia Queiroz Mattoso* (UC.Salvador).

Pergunta:

“1.º). — Existem no Arquivo Público de Sergipe livros de compra e venda de escravos?

2.º). — Existem livros de Notas de Escrituras dos fundos dos tabeliães?

3.º). — Em Sergipe haviam portos de desembarque de escravos ou eles provinham da Bahia?”

*

Da Prof.^a *Maria Hosana da Silva* (UFSe).

Indaga:

“Quais os preços dos escravos em Sergipe?”

*

Da Prof.^a *Lindinalva Simões* (UC.Salvador).

Pergunta:

“O Autor acredita que somente a libertação de escravos causou a decadência dos engenhos em Sergipe?”

* *
*

RESPOSTAS DO PROFESSOR EMMANUEL FRANCO.

À Prof.^a *Kátia Queiroz Mattoso*.

Respondeu:

“1.º). — Sim, existem vários livros de compra e venda de escravos e livro de notas.

2.º). — Sim, haviam portos de desembarque. Navios aportavam nas margens do Rio Sergipe.”

*

À Prof.^a *Maria Hosana de Souza*.

“O preço de escravos variou com a qualidade e a lei da oferta e procura. Escravo era como gado. Valiam a qualidade, a idade, a necessidade e a oferta.”

*

À Prof.^a *Lindinalva Simões*.

“A libertação de escravos empobreceu a região. A decadência dos engenhos é consequência da implantação das Usinas de Açúcar, com tecnologia nova. O engenho de açúcar é uma indústria rotineira.